



A mãe educadora: Análise do discurso psicopedagógico sobre a criança em idade pré-escolar em revistas de educação familiar (Portugal, 1945-1958)

(Teacher mothers: psychopedagogical discourse on preschool child rearing in Portuguese parenting magazines (1945-1958))

Carla CARDOSO VILHENA¹

António GOMES FERREIRA²

Luís MOTA³

¹*Centro de Investigação em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária, Universidade do Algarve*

²*Centro de Estudos Interdisciplinares, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra*

³*Centro de Investigação em Inovação e Educação, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto/ Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra*

RESUMO: Este trabalho teve como objetivo contribuir para a compreensão do discurso psicopedagógico sobre a criança em idade pré-escolar que circulou em Portugal, nos anos 40 e 50 do século XX, através da análise de discursos dirigidos às mães veiculados em duas revistas de *educação familiar* - *Os Nossos Filhos* e *Saúde e Lar*. Os nossos resultados evidenciam a existência de uma preocupação com a forma como as crianças eram educadas, assim como a crença de que a educação para a maternidade seria a solução para os problemas que as afetavam. Neste sentido, são difundidas informações sobre o desenvolvimento infantil e as mães são aconselhadas sobre as estratégias que poderiam utilizar para conhecer e educar os seus filhos, assentes no conhecimento científico sobre a criança e a sua educação, funcionando, as revistas, como um veículo de difusão do discurso psicopedagógico sobre a infância junto das mães portuguesas.

PALAVRAS CHAVE: discurso psicopedagógico, educação para a maternidade, revistas de educação familiar, infância, Portugal

ABSTRACT: The aim of this article is to offer insight into the psychopedagogical discourse on rearing preschool-aged children in Portugal during the 1940s and 1950s based on an analysis of articles aimed at mothers from two parenting magazines from the period: *Os Nossos Filhos* and *Saúde e Lar*. The results reveal concerns over how children are educated, and the promotion of education for motherhood as a solution to the problems identified. In this regard, readers at the time were provided with information about child development, and mothers were advised on scientifically proved strategies to better understand and educate their children. In this way, the magazines functioned as a vehicle for the psychopedagogical discourse of the time on childhood and motherhood.

KEYWORDS: psychopedagogical discourse; education for motherhood; parenting magazines; childhood; Portugal.

Introdução

A construção do Estado moderno, e a concomitante criação de uma sociedade disciplinar, implicou a emergência de novas formas de governação das populações, assentes em novas racionalidades,¹ cuja principal finalidade seria a integração dos indivíduos na nova ordem que a modernidade anunciava. Esta questão torna-se particularmente evidente no período designado por Wagner² de *modernidade organizada*, que decorre entre o início do século XX e o final da década 60 do mesmo século, em que se procurava promover a inclusão de todos. Tal pressupunha a interiorização de uma determinada racionalidade, de novas formas de ser e de estar, que tinham em comum o facto de ter na sua origem o conhecimento produzido no interior dos sistemas periciais.³ Por outras palavras, tratava-se de substituir práticas de agir habituais por maneiras de agir obrigatórias, uniformizadas e sustentadas pelo conhecimento científico.⁴

Neste contexto, a *educação benigna* do cidadão normal,⁵ que pressupunha a aquisição pelos indivíduos do conhecimento produzido no interior dos sistemas periciais, assumiu particular importância. A difusão de modelos e normas de comportamento, que se considerava promotores do bem-estar individual e social, está na origem do que Rose⁶ designa de *regulação pedagógica* dos cidadãos, uma vez que se pretendia educá-los para que modificassem a sua conduta. A regulação pedagógica associa-se a uma *regulação das imagens*,⁷ no sentido em que subjacente aos discursos dos peritos estavam imagens do bom cidadão, a partir das quais os indivíduos avaliavam a sua conduta e a daqueles que os cercavam. Refira-se que este processo de *educação benigna* dos cidadãos abarcava todo o tipo de comportamentos, desde aqueles que tinham lugar na esfera pública, aos mais íntimos, aqueles que ocorriam na esfera privada.⁸

¹ Michel Foucault, *É preciso defender a sociedade* (Lisboa: Livros do Brasil, 2006).

² Peter Wagner, *A sociology of modernity: Liberty and discipline* (London: Routledge, 1998).

³ Anthony Giddens, *As consequências da modernidade* (Oeiras: Celta, 2005).

⁴ Cf. Rima Apple, *Perfect motherhood: Science and childrearing in America* (New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2006); Luc Boltanski, *Prime education et morale de classe* (Paris: EHESS, 1977); Yvonne Knibiehler, *Histoire des mères et de la maternité en Occident* (Paris: PUF, 2000).

⁵ Nikolas Rose, *Powers of freedom: Reframing political thought* (Cambridge: Cambridge University Press, 1999).

⁶ Nikolas Rose, *Powers of freedom: Reframing political thought* (Cambridge: Cambridge University Press, 1999).

⁷ Jacques Donzelot, *A polícia das famílias* (Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986).

⁸ Nikolas Rose, *Powers of freedom: Reframing political thought* (Cambridge: Cambridge University Press, 1999).

Um dos sistemas periciais que ganhou particular importância no período da *modernidade organizada*, no que se refere à governação da população e dos indivíduos que a compõem, foi aquele constituído pelos saberes *psi*.⁹ Tendo como objeto de estudo os processos mentais e o comportamento humano, através de métodos importados das ciências naturais, a psiquiatria e a psicologia afirmaram-se, no início do século XX, como campo de produção de um conhecimento objetivo e racional, a partir do qual se poderia desenhar um conjunto de mecanismos de governação, baseados na natureza dos seres humanos e não em práticas arbitrárias de autoridade¹⁰, sendo, por esse motivo, mais compatíveis com os princípios da autonomia e da liberdade individual inscritos no projeto da modernidade.¹¹

No que diz respeito à infância, é inegável o contributo dos saberes *psi* na construção das concepções de infância que circularam ao longo do século XX, assim como para a legitimação dos princípios e práticas educativas consideradas ideais, num determinado tempo e espaço histórico, para as diferentes idades.¹² Da articulação entre o discurso psicológico, acerca das características e das competências das crianças, e o pedagógico, acerca dos princípios e dos métodos educativos, emerge um discurso psicopedagógico sobre a infância e a sua educação, que se organiza em torno de dois aspetos, interrelacionados: o conhecimento da infância, enquanto etapa de vida, e a definição de princípios e estratégias educativas, assentes, precisamente, no conhecimento *psi* sobre a criança.¹³

⁹ Nikolas Rose, *Governing the soul: The shaping of the private self* (London: Free Association Books, 1999).

¹⁰ Marianne N. Bloch, "Governing teachers, parents, and children through child development knowledge", *Human Development* 43 (2000): 257-265; Ana Laura Godinho Lima

¹¹ Peter Wagner, *A sociology of modernity: Liberty and discipline* (London: Routledge, 1998).

¹² Cf. António Gomes Ferreira, "A criança e o seu desenvolvimento em discursos médicos e pedagógicos que circularam no contexto português (séculos XVIII a XX)", *Educação em Revista* 26, no. 1 (2010): 215-333, Jorge Ramos do Ó, "A 'criança problema' e o seu governo em Portugal e no Brasil (1880-1960): Discursos e práticas", em *Emergência e circulação do conhecimento psicopedagógico moderno (1880-1960): Estudos comparados Portugal-Brasil*, editado por Jorge Ramos do Ó e Luís Miguel Carvalho, 15-154. Lisboa: Educa, 2009.

¹³ Cf. Adrián Azrak, "El discurso psicológico en el campo educativo: una revisión crítica de su configuración histórica y su devenir actual", *Foro de Educación* 18, no. 2 (2020): 49-170, Marianne N. Bloch, "Governing teachers, parents, and children through child development knowledge", *Human Development* 43 (2000): 257-265, António Gomes Ferreira, "A criança e o seu desenvolvimento em discursos médicos e pedagógicos que circularam no contexto português (séculos XVIII a XX)", *Educação em Revista* 26, no. 1 (2010): 215-333, Jorge Ramos do Ó, "A 'criança problema' e o seu governo em Portugal e no Brasil (1880-1960): Discursos e práticas", em *Emergência e circulação do conhecimento psicopedagógico moderno (1880-1960): Estudos comparados Portugal-Brasil*, editado por Jorge Ramos do Ó e Luís Miguel Carvalho, 15-154. Lisboa: Educa, 2009.

Articulado em torno da infância, dos seus problemas e das soluções para esses mesmos problemas, este discurso difunde-se paulatinamente por toda a sociedade.¹⁴ Dar a conhecer o processo de desenvolvimento infantil, assim como os princípios e estratégias educativas que garantiriam a educação racional da criança tornou-se, no século XX, um projeto dos *mass media*, assim como dos profissionais da infância.¹⁵ Dirigindo-se sobretudo às mães, consideradas no discurso dominante como as principais responsáveis pela educação dos seus filhos¹⁶, pedagogos, médicos e profissionais *psi* partiam do pressuposto de que a educação para a maternidade seria uma solução para os problemas que afetavam a infância, designadamente a mortalidade e morbidade infantis e a deseducação¹⁷, discurso que tem subjacente a ideologia de maternidade científica¹⁸, ou seja, a ideia de que o comportamento maternal devia ter por base o conhecimento científico. Como foi observado por diferentes autores,¹⁹ este projeto parece ter tido algum sucesso, uma vez que a difusão, através

¹⁴ António Gomes Ferreira, “A criança e o seu desenvolvimento em discursos médicos e pedagógicos que circularam no contexto português (séculos XVIII a XX)”, *Educação em Revista* 26, no. 1 (2010): 215-333, Nikolas Rose, *Governing the soul: The shaping of the private self* (London: Free Association Books, 1999)..

¹⁵ Teresa Davis et al., “The knowing mother: Maternal knowledge and the reinforcement of the feminine consuming subject in magazine advertisements”, *Journal of Consumer Culture* 22, no. 1 (2022): 40-60; Kate Errington, “You and your baby (home, husband and doctor): Maternal responsibility in the British Medical Association booklet (1957-1987)”, *Medical Humanities* 50 (2024): 292-305; Julia Grant, *Raising baby by the book: The education of American mothers* (New Haven: Yale University Press, 1998); Ann Hulbert, *Raising America: Experts, parents and a century of advice about children* (New York: Vintage Books, 2003); Peter Skagius, “‘Don’t worry’: Figurations of the child in a Swedish parenting advice column”, *History of Psychology* 23, no. 2 (2020): 154-175; Jacy L. Young, “G. Stanley Hall, Child Study, and the American public”, *The Journal of Genetic Psychology* 177, no. 6 (2016): 195-2008.

¹⁶ Rima Apple, *Perfect motherhood: Science and childrearing in America* (New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2006); Teresa Davis et al., “The knowing mother: Maternal knowledge and the reinforcement of the feminine consuming subject in magazine advertisements”, *Journal of Consumer Culture* 22, no. 1 (2022): 40-60; Julia Grant, *Raising baby by the book: The education of American mothers* (New Haven: Yale University Press, 1998); Ann Hulbert, *Raising America: Experts, parents and a century of advice about children* (New York: Vintage Books, 2003)

¹⁷ Cf. Rima Apple, *Perfect motherhood: Science and childrearing in America* (New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2006), Maria Manuela Ferreira, *Salvar os corpos, forjar a razão: Contributo para uma análise crítica da criança e da infância como construção social, 1880-1940* (Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2000), Julia Grant, *Raising baby by the book: The education of American mothers* (New Haven: Yale University Press, 1998); Ann Hulbert, *Raising America: Experts, parents and a century of advice about children* (New York: Vintage Books, 2003); Ranjana Saha, “Motherhood on display: The child welfare exhibition in colonial Calcutta, 1920”, *The Indian Economic and Social History Review* 58, no. 2 (2021): 249-277.

¹⁸ Rima Apple, *Perfect motherhood: Science and childrearing in America* (New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2006)

¹⁹ Maria Cucchiara e Amy C. Steinbugler, “‘The books make you feel bad’: Expert advice and maternal anxiety in the early 21st century”, *Sociological Forum* 36, no. 4 (2021): 939-961; Sharon Hays, *The cultural contradictions of motherhood* (New Haven: Yale University Press, 1996); Miriam Peskowitz, *The truth behind the mommy wars: Who decides what makes a good mother?* (New York: Seal Press,

dos *media* ou de instituições ou organizações dedicadas à proteção e à educação da criança, do discurso psicopedagógico sobre a infância, influenciou a percepção não só das mães, mas também das pessoas comuns tinham quer da criança, quer da forma como esta devia ser educada.

A ideia, subjacente a este discurso, de que o instinto maternal não era suficiente para bem educar as crianças, de que este era um empreendimento complexo, para o qual as mães necessitavam de adquirir conhecimentos específicos, de cariz científico, está na origem do que vários autores²⁰ designam de profissionalização da maternidade, ou seja, da sua equiparação a uma profissão. Como Hulbert demonstrou, na sua análise dos discursos sobre a criação e educação das crianças que circularam, nos EUA, no século XX, esta ideia estava patente no discurso dos peritos que equiparavam as mães a profissionais da infância, o que, por sua vez, parece ter sido especialmente atrativo para as mães mais escolarizadas remetidas, muitas delas, no período em análise, ao lar, que viam assim valorizada a função maternal.²¹

Em Portugal também se torna evidente, desde finais do século XIX, uma crescente preocupação com a forma como as crianças são criadas e educadas,²² assim como com a preparação das mães para o exercício da função maternal.²³ Esta preocupação é acompanhada, a partir dos anos 30, pela defesa do regresso da mulher ao lar e pela valorização do seu papel no seio da família. Neste sentido, assiste-se a uma valorização da maternidade, passando a mulher a ser considerada, no discurso oficial, o *sustentáculo da nação* e a ser responsabilizada pela *salvaguarda moral das famílias* e pela *renovação da raça*.²⁴

São ainda criados e reforçados, neste período, os dispositivos de governação das famílias, surgindo novas organizações que têm como finalidade a proteção da criança, de uma forma direta, através da assistência às

2005); Sébastien Roux e Anne-Sophie Vozari, "Parents at their best: The ethopolitics of family bonding in France", *Ethnography* 18, no. 1 (2017): 3-24; Sasha Emma Williams, "Redrawing the line: An exploration of how lay people construct child neglect", *Child Abuse & Neglect* 68 (2017), 11-24.

²⁰ Rima Apple, *Perfect motherhood: Science and childrearing in America* (New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2006), Sharon Hays, *The cultural contradictions of motherhood* (New Haven: Yale University Press, 1996), Ann Hulbert, *Raising America: Experts, parents and a century of advice about children* (New York: Vintage Books, 2003)

²¹ Ann Hulbert, *Raising America: Experts, parents and a century of advice about children* (New York: Vintage Books, 2003)

²² Maria Manuela Ferreira, *Salvar os corpos, forjar a razão: Contributo para uma análise crítica da criança e da infância como construção social, 1880-1940* (Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2000).

²³ Carla Vilhena e António Gomes Ferreira, "Formar bem as mães para criar e educar boas crianças: As revistas portuguesas de educação familiar e a difusão da maternidade científica", *História da Educação* 18, no. 44 (2014): 99-127.

²⁴ Maria Belo, Ana Paula Alão e Iolanda Neves Cabral, "O Estado Novo e as mulheres", em *O Estado Novo: Das origens ao fim da autarcia, 1926-1959 (Vol. 2)*, editado por João Freire, António H. de Oliveira Marques e Stephen R. Stoer, 263-279. Lisboa: Fragmentos, 1987.

mães e às crianças, e indireta, através da educação das mães, numa lógica própria da modernidade organizada²⁵. Em 1935, é criada a *Defesa da Família* cuja principal função seria a organização das *Jornadas das Mães de Família*, um evento destinado à difusão dos princípios científicos de criação e educação das crianças; um ano mais tarde, em 1936, surge a *Obra das Mães pela Educação Nacional*, a que foi conferida a tarefa de “Orientar as mães portuguesas, por uma activa difusão das noções fundamentais de higiene e puericultura, para bem criarem os filhos, em colaboração com a organização denominada Defesa da Família”;²⁶ já na década de 40, é criado o *Instituto Maternal* (1943), que para além da assistência à criança e à mãe, tinha como atribuição o exercício de uma “ação educativa junto da família, favorecendo a sua regular constituição e o seu aperfeiçoamento moral”.²⁷

Note-se ainda a transformação que ocorre nos discursos acerca da Educação de Infância, em meados dos anos 40 do século XX. Se, nos anos 30 e 40, o foco era na componente assistencial, a partir de 1945 assiste-se a uma ênfase na componente educativa, fruto de uma maior preocupação com as questões relacionadas com o desenvolvimento infantil e a promoção da saúde mental, a que não foi alheia, por um lado, a entrada em cena de novos atores, educadores de infância, pedopsiquiatras, psicólogos e pedagogos - cite-se, a título de exemplo, Emile Planchard, pedagogo belga, professor na Universidade de Coimbra, ou Vítor Fontes, um médico com formação psicológica -;²⁸ e, por outro, a uma maior ênfase, no campo *psi*, nas estratégias preventivas e de promoção da saúde mental, em “detrimento das estratégias curativas”,²⁹ por meio de uma intervenção que tinha por alvo a criança e aqueles que se ocupavam da sua educação, designadamente as mães.³⁰

O principal objetivo do trabalho que aqui se apresenta foi, precisamente, descrever e analisar o discurso psicopedagógico sobre a criança em idade pré-escolar que circulou em Portugal no período pós II Guerra

²⁵ Peter Wagner, *A sociology of modernity: Liberty and discipline* (London: Routledge, 1998).

²⁶ Decreto-Lei n.º 26.893, de 15 de agosto de 1936, Art.º 2.º, 1.º

²⁷ Decreto-Lei n.º 35.108, de 7 de novembro de 1945, Art.º 122.º, 7.º

²⁸ Carla Vilhena, António Gomes Ferreira e Luís Mota, “Para uma compreensão da lenta e inevitável evolução da Educação de Infância: Análise do discurso sobre a Educação de Infância no Estado Novo português (1933-1974)”, *Acta Scientiarum* 46 (2024): e68980.

²⁹ Maria Eugénia Branco, *Vida, pensamento e obra de João dos Santos* (Lisboa: Livros Horizonte, 2000); Maria José Vidigal et al., *Memórias de utopias: Elementos para a história da saúde mental infantil em Portugal* (Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada, 1999).

³⁰ Rima Apple, *Perfect motherhood: Science and childrearing in America* (New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2006), Wendy Hollway, “Family figures in 20th-century British 'psy' discourses”, *Theory & Psychology* 16, no. 4 (2006): 443-464, Nikolas Rose, *Governing the soul: The shaping of the private self* (London: Free Association Books, 1999).

Mundial (1945-1958). Para além de ser um período em que, como anteriormente referido, existiu uma preocupação crescente com a forma como as crianças são educadas, ou seja, com os aspetos relacionados com as dimensões psicológicas do desenvolvimento, fruto da diminuição das taxas de mortalidade infantil, é também um período que se caracterizou pela emergência de uma nova abordagem da educação da criança, mais flexível e permissiva, da qual ainda prevalecem, na atualidade, muitos aspetos (e.g. importância da satisfação das necessidades da criança; relações familiares mais democráticas; respeito pela personalidade da criança).³¹

Uma vez que a imprensa pedagógica e, mais particularmente as revistas de *educação familiar*, aquelas que têm como público-alvo as mães, foi um dos veículos de difusão do discurso psicopedagógico sobre a infância, funcionando como “uma tribuna da qual intelectuais, políticos e educadores tentam agir sobre as massas, modificando suas condutas”,³² optou-se, no presente trabalho, pela análise dos discursos sobre a educação da criança em idade pré-escolar aí veiculados. Para a seleção das revistas recorreu-se ao *Repertório Analítico da Imprensa de Educação e Ensino*,³³ tendo por base os seguintes critérios: pertencer à categoria *educação familiar* e ser publicada no período em análise. Da aplicação destes critérios resultou a seleção de duas revistas: *Saúde e Lar* (1944 - em publicação) e *Os Nossos Filhos* (1942-1958). No que diz respeito ao *corpus documental* foi constituído pelos textos que tinham como tema a educação da criança em idade pré-escolar ($n=345$; *Saúde e Lar*, $n=58$; *Os Nossos Filhos*, $n= 287$).

Os textos selecionados foram submetidos a uma análise de conteúdo qualitativa.³⁴ A análise realizada permitiu identificar duas grandes categorias: (1) *Conheça os seus filhos*, onde foram incluídos todos os segmentos de texto relativos às concepções de infância e ao processo de desenvolvimento infantil; e, (2) *Como obter êxito na educação das crianças*, composta pelos segmentos de texto em que se fazia referência às

³¹ Cf. Rima Apple, *Perfect motherhood: Science and childrearing in America* (New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2006), Nelleke Bakker, “Before Ritalin: Children and neurasthenia in the Netherlands”, *Paedagogica Historica* 46, no. 3 (2010): 383-401, Erica Burman, *Deconstructing developmental psychology* (London: Brunner-Routledge, 2008), Wendy Hollway, “Family figures in 20th-century British ‘psy’ discourses”, *Theory & Psychology* 16, no. 4 (2006): 443-464, Judith Warner, *Perfect madness: Motherhood in the age of anxiety* (New York: Riverhead Books, 2005).

³² Juarez José Anjos, “História da educação da criança pela família no século 19: Fontes para uma escrita”, *História da Educação* 19, no. 45 (2015): 67-83.

³³ António Nóvoa, coord., *Imprensa de educação e ensino, repertório analítico (séculos XIX-XX)* (Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993).

³⁴ Margrit Schreier, *Qualitative content analysis in practice* (London: Sage, 2012).

estratégias e práticas educativas consideradas mais adequadas para a educação das crianças em idade pré-escolar.

Os resultados obtidos serão descritos e analisados nos pontos que se seguem.

Discurso psicopedagógico sobre a criança em idade pré-escolar

Um dos elementos essenciais das novas estratégias de governação que emergem com a modernidade é o conhecimento de quem se governa, o que conduz, no que diz respeito à infância, à proliferação de estudos sobre a criança e o seu desenvolvimento.³⁵ A divulgação do conhecimento que ia sendo construído acerca das características específicas destes pequenos seres e das etapas do desenvolvimento infantil, nas suas diferentes dimensões (intelectual, socio emocional e psicomotor) junto daqueles que são responsáveis pela sua educação é um elemento central da cruzada em prol da proteção da infância em que se envolvem os editores e os colaboradores das revistas analisadas. Trata-se de substituir maneiras de agir habituais, neste caso concreto, da transmissão de conhecimento de mulher para mulher, por maneiras de agir obrigatórias, uniformizadas, que têm por base não o senso comum, a tradição, mas sim o conhecimento científico. As palavras escritas pelo pedagogo António Correia ilustram bem esta intenção:

Não sei se já repararam que as conversas das mães entre si são muito pouco variadas e elas não se cansam de contar, muitas vezes seguidas, as mesmas peripécias e comentar as atitudes dos filhos, os seus desejos e perrices, o seu comportamento em casa, no colégio ou na rua. Isto, sem dúvida, não é de criticar; pelo contrário, o facto de tanto conversarem sobre as crianças revela o interesse que têm por elas e, muitas vezes, as mães procuram assim colhêr ensinamentos para melhor se orientarem no seu procedimento pessoal. No entanto, a medalha tem o seu reverso e nem sempre êste intercâmbio entre as mães pode trazer vantagens para os filhos. Realmente, se elas empregassem o tempo que gastam nessas mútuas «consultas» procurando antes informar-se por fontes mais seguras, lendo bons livros e revistas e conversando com os médicos dos seus conhecimentos, não há dúvida que os resultados que daí viriam para as crianças eram bem mais apreciáveis e frutuosos.³⁶

A preocupação com a disseminação dos conhecimentos científicos acerca do desenvolvimento e da educação das crianças tem subjacente a crença, partilhada pelos autores que escrevem nos periódicos analisados, do papel essencial que as mães desempenhavam na educação das crianças, designadamente nas primeiras idades, consideradas mais maleáveis. A ideia de maleabilidade, visível na conceção da criança como

³⁵ Cf. Erica Burman, *Deconstructing developmental psychology* (London: Brunner-Routledge, 2008), Barbara Beatty, Emily D. Cahan e Julia Grant, coord., *When science encounters the child: Education, parenting and child welfare in the 20th century America* (New York, Teachers College Press, 2006); Nikolas Rose, *Governing the soul: The shaping of the private self* (London: Free Association Books, 1999).

³⁶ António Correia, "O meu filho é endiabrado", *Saúde e Lar* 18, (1945): 6-7.

um “pedaço de argila”,³⁷ e na infância como um período da vida decisivo para o futuro, “porque aí se elabora a criação do homem”,³⁸ transforma as primeiras idades em alvos privilegiados da ação dos peritos que, intervindo junto das mães, procuravam assim assegurar a construção de cidadãos normais, ajustados e socialmente úteis. Tal só seria possível se às crianças fosse garantida uma educação racional, assente em bases científicas, que exigiria, por esse motivo, a adequada preparação daqueles que iriam ocupar-se dessa missão:

A educação de uma criança é obra tão difícil quanto é nobre e elevada.

Só quem seja senhor de uma educação sólida e perfeita, só quem tenha a inteligência aberta, espírito desempeirado, qualidades natas e vocação poderá desempenhar-se da missão de educador com competência e brio.

Sem vocação, sem preparação cuidada e consistente e sem brio profissional o médico não pode ser bom médico, o advogado não pode ser bom educado, o professor não pode ser bom educador. Por isso há escolas especiais, onde se preparam os médicos, os advogados, os professores, etc., etc.

Por que razão não há-de havê-las para a formação completa dos pais?³⁹

Embora neste texto se faça referência aos pais, na realidade são as mães, consideradas responsáveis pela educação das crianças, que são incitadas a educar-se, a profissionalizar-se.⁴⁰ A boa mãe já não era aquela que seguia o *instinto maternal*, mas sim a que se educava, que procurava o conhecimento produzido pelos peritos e que seguia os princípios e as práticas por eles recomendados, como é patente no excerto acima transcrito, em que se equipara a maternidade a uma profissão, que necessitava, como qualquer outra atividade, de preparação especializada.

Sensibilizadas para a necessidade de adquirirem conhecimentos que lhes permitissem educar melhor os seus filhos, advertidas sobre a importância do seu papel, assim como das consequências presentes e futuras dos erros que poderiam cometer na educação das crianças – “A psicologia moderna, baseada na observação cuidadosa do comportamento da criança, conclui que a maior parte das vezes as reacções anómalas são fruto de má orientação educativa”⁴¹ - algumas mães, letradas e de classe média, aderem à ideologia de maternidade

³⁷ “Quem tem meninos pequenos”, *Os Nossos Filhos* 3, no. 54 (1946): 10.

³⁸ Maria Luísa Manso, “A educação musical da criança”, *Os Nossos Filhos* 3, no. 51 (1946): 16.

³⁹ Luís, “A missão do educador”, *Os Nossos Filhos* 2, no. 40 (1945): 8.

⁴⁰ Rima Apple, *Perfect motherhood: Science and childrearing in America* (New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2006).

⁴¹ Maria Luísa Tôrres Pires, “Mãezinha! Esqueça as preocupações e faça felizes os seus filhos!”, *Os Nossos Filhos* 7, no. 164 (1956): 4.

científica⁴², procurando ativamente informação sobre a melhor forma de educar os filhos. Tal é visível nas muitas cartas de leitoras, publicadas na revista *Os Nossos Filhos*, como aquelas que, a título de exemplo, a seguir se transcrevem: “Minha filha, que fez agora precisamente 3 anos, tem um génio terrível, é caprichosa e teimosa. Como devo dominá-la?”;⁴³ “Tenho um grande desgosto por não possuir cultura musical, e gostava de mandar ensinar música aos meus filhos. Em que idade deve uma criança começar esse aprendizado?”.⁴⁴

Com o objetivo de esclarecer aqueles que se ocupavam da educação das crianças, e, simultaneamente contribuir para a difusão dos princípios e estratégias educativas que deviam presidir a uma educação racional da criança, ou seja, para a disseminação do discurso psicopedagógico acerca da infância, publicavam-se, nas revistas analisadas, informações sobre o desenvolvimento infantil e as características das crianças e descreviam-se os métodos e as práticas pedagógicas considerados mais adequados para a educação das crianças em idade pré-escolar, aspetos que serão desenvolvidos nos pontos que se seguem.

Conheça os seus filhos!

Uma ideia consensual entre os colaboradores das revistas analisadas era a de que uma educação racional teria que ter por base o conhecimento da criança. Neste sentido, a mãe deveria conhecer as diferentes etapas do desenvolvimento infantil, mas também a personalidade da criança concreta que tinha por missão educar.

No que diz respeito à primeira dimensão, o conhecimento do desenvolvimento infantil, observa-se, nos textos analisados, a preocupação em divulgar as diferentes fases do desenvolvimento de uma criança *normal*, marcada por uma visão maturacionista do desenvolvimento, dominante na época em análise⁴⁵. Tal é visível, na sua descrição como uma sucessão de etapas, previsíveis e associadas a uma determinada idade cronológica, tais como aquelas descritas no excerto que a seguir se transcreve:

Aos dois anos a criança é capaz de andar sozinha e de correr; aos três anos a característica dominante do seu desenvolvimento é o uso de palavras como maneira para exprimir o pensamento e uma tendência para compreender o meio em que vive e assim conseguir uma melhor adaptação ambiental. Com os quatro anos vem a curiosidade constante, os «Porquê?» e «Porque não?» intermináveis, a propósito de tudo.⁴⁶

⁴² Rima Apple, *Perfect motherhood: Science and childrearing in America* (New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2006).

⁴³ “Os teus problemas, Mãezinha!”, *Os Nossos Filhos* 6, no. 138 (1953): 7.

⁴⁴ “Os vossos problemas: Correio dos pais”, *Os Nossos Filhos* 8, no. 177 (1957), 3.

⁴⁵ Rima Apple, *Perfect motherhood: Science and childrearing in America* (New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2006), Ann Hulbert, *Raising America: Experts, parents and a century of advice about children* (New York: Vintage Books, 2003).

⁴⁶ Maria Palmira Tito de Morais, “As ‘birras’”, *Os Nossos Filhos* 3, no. 53 (1946): 8.

A ideia de que o desenvolvimento se processava segundo uma sequência fixa de estádios ou fases não se aplicava somente ao desenvolvimento psicomotor ou cognitivo. Nos textos que têm como tema o desenvolvimento socio emocional das crianças, onde é muito visível a influência do discurso psicanalítico, redescoberto no período pós II Guerra Mundial⁴⁷, este também é construído como uma sequência de etapas, marcadas por um conjunto de *conflitos psíquicos*, tais como o complexo de Édipo⁴⁸, que deveriam suscitar por parte dos pais particular atenção e compreensão. Veja-se, a título de exemplo, a resposta dada a uma mãe, que escreve para *Os Nossos Filhos* preocupada com os ciúmes que a sua filha sentiria do irmão, em que se procede a uma identificação e descrição de diferentes fases do desenvolvimento infantil:

No desenrolar da vida infantil surgem assim, conflitos psíquicos, cuja natureza e intensidade pode variar até ao infinito. Pertencem a esta categoria de fenómenos os chamados complexos, tão discutidos pelos psicanalistas e frequentemente explorados na literatura.

(...)

A origem dos grandes complexos encontra-se, no geral, dos quatro aos seis anos, idade em que se fixam as linhas directrizes da afectividade do indivíduo.

É sobretudo no decurso da segunda infância, período em que a sensibilidade é caracterizada por grande exaltação, reagindo fortemente aos menores estímulos, que estes conflitos psicológicos se desencadeiam e instalam.

Actuando sobre a alma infantil extremamente maleável, deformam-na, atrofiam-na em determinados sentidos para a hipertrofiarem noutros.

Como se viu pelos casos precedentes e como pode verificar-se com os casos citados por muitos autores, estes conflitos surgem em geral, antes dos cinco ou seis anos. É nesta idade que a criança deve merecer a maior atenção e o maior o maior cuidado de parte dos pais ou educadores, não a deixando abandonada a si própria.

Não falando no choque de nascimento a que alguns autores ligam demasiada importância, o primeiro grande abalo que a criança sente é o afastamento do seio materno, é o desmame.

A sensação de ter sido excluída de qualquer coisa pode criar-lhe um estado psicológico com graves consequências futuras, sobretudo quando, avolumado por factos posteriores. Todas as situações em que, com razão ou sem ela,

⁴⁷ Nikolas Rose, *Governing the soul: The shaping of the private self* (London: Free Association Books, 1999).

⁴⁸ Sabine Petersen, "A fase "edípica" nas crianças será inevitável?", *Os Nossos Filhos* 4, no. 83 (1949): 4; Vítor Fontes, "Higiene Mental Infantil", *Os Nossos Filhos* 5, no. 121 (1952): 4-5.

a criança verifica que foi excluída agirão fortemente sobre a sua sensibilidade. Não é raro encontrar casos de roubo, de ideias de perseguição, etc., que se filiam em motivos destes.⁴⁹

A chamada de atenção para a importância da atuação dos pais, acompanhada pela descrição das nefastas consequências dos “erros educativo”, como é visível no último parágrafo do texto acima transcrito, acompanhada pela descrição dos comportamentos esperados em determinada idade, pode ser entendida como estratégia de governação da infância e da maternidade.⁵⁰ Ou seja, ao divulgarem este tipo de informações, os autores dos textos atuavam sobre os desejos e as aspirações das mães que, na procura do melhor para os seus filhos, aderiam mais facilmente aos princípios propostos pelos peritos.

Os conhecimentos de psicologia infantil e das etapas do desenvolvimento da criança, poderiam ser adquiridos através da leitura das revistas, mas também dos livros que eram recomendados, tais como, por exemplo, “Eu quero conhecer o meu filho”, de António Correia⁵¹; “Mãe e filho”, de Ferreira de Mira⁵²; “Nós e a criança”, de Ilse Losa⁵³ ou “A criança”, de Maria Montessori⁵⁴. Note-se que se algumas vezes a indicação destes e de outros livros sobre a criança e a sua educação era realizada por iniciativa dos editores e dos colaboradores nas revistas, noutras vezes era por solicitação das mães, o que pode ser interpretado como um indício da sua adesão, pelo menos parcial, à ideia de educação para a maternidade e, conseqüentemente, à ideologia da maternidade científica. Veja-se a carta que a seguir se transcreve, a título de exemplo:

Tenho 3 filhos, de 4 meses, 3, e 6 anos, que muito me preocupam, pois receio não saber criá-los e educá-los de modo a torná-los saudáveis e felizes. Agradecia que me indicasse alguns livros em português, simples para que eu os possa entender, e que me ajudassem a proceder da melhor forma, tanto no que respeita à saúde como à educação dos meus filhos.⁵⁵

O conhecimento assim adquirido não era, porém, considerado suficiente para conhecer e bem educar a criança, devendo ser complementado com o conhecimento da criança concreta, da sua forma de estar e de agir sobre o mundo. Como afirmava o professor José Francisco Rodrigues: “Importa aprender a observar as

⁴⁹ “Correio dos pais: Complexos infantis”, *Os Nossos Filhos* 7, no. 155 (1955): 5-6.

⁵⁰ Rima Apple, *Perfect motherhood: Science and childrearing in America* (New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2006), Nikolas Rose, *Governing the soul: The shaping of the private self* (London: Free Association Books, 1999).

⁵¹ “Consultório: Da alimentação e higiene infantil”, *Os Nossos Filhos* 3, no. 58 (1947): 24;

⁵² “Consultório: Da alimentação e higiene infantil”, *Os Nossos Filhos* 3, no. 58 (1947): 24;

⁵³ “Os vossos problemas: Correio dos pais”, *Os Nossos Filhos* 8, no.180 (1957): 3.

⁵⁴ “Os vossos problemas: Correio dos pais”, *Os Nossos Filhos* 8, no.180 (1957): 3.

⁵⁵ “Tenho 3 filhos”, *Os Nossos Filhos* 8, no.180 (1957): 3.

crianças em todas as suas manifestações. Só assim as poderemos conhecer suficientemente nas suas qualidades e nos seus defeitos. E só conhecendo-as poderemos compreender e educar bem”.⁵⁶

Tendo em conta este princípio, são divulgados procedimentos que a mãe poderia utilizar neste processo de observação. Entre as estratégias mencionadas encontravam-se: (1) os testes, destinados sobretudo ao conhecimento do nível de desenvolvimento intelectual⁵⁷ ou das aptidões das crianças,⁵⁸ sendo aconselhado às mães que os utilizassem para “conhecer o grau de avanço ou atraso do desenvolvimento mental da criança em relação com o termo médio e a normalidade ou anormalidade da sua estrutura pessoal”,⁵⁹ de forma a detetarem precocemente qualquer atraso; (2) a análise do desenho infantil, uma forma de avaliar “as qualidades e o estado da evolução infantil”;⁶⁰ e, (3) a observação do comportamento da criança em situações naturais, na brincadeira ou, como se refere no excerto que a seguir se transcreve, no jogo:

Para o verdadeiro orientador educativo, não importa tanto o que uma criança *produz*, no sentido estrito da palavra, como o seu desenvolvimento geral, isto é, seu domínio de atitudes nas diversas esferas da vida, suas necessidades, desejos, pensamentos e, principalmente, a espécie de pessoa que é. E isto apenas se consegue com a observação directa da criança, analisando as suas mais pequenas reacções perante as situações naturais da vida. A importância destas observações reside somente no facto capital de serem *naturais*. Isso equivale a dizer que nunca se deve observar uma criança no intuito de analisar as suas capacidades plenas numa situação concreta e delimitada artificialmente, mas movendo-se e raciocinando livremente. O jogo, por exemplo, é uma grande prova pois é através dele que melhor se pode comparar o comportamento natural de uma criança com o de outras crianças da mesma idade, comparação esta, não obtido à base de um procedimento de medida quantitativa, mas por uma descrição do observado.⁶¹

O objetivo seria capacitar as mães de forma a que estas fossem capazes de diagnosticar alterações no comportamento da criança, indicativas de que o seu desenvolvimento não estaria a processar-se no ritmo e na direção desejada: “As mães devem saber observar o seu bebé; essa observação lhes dirá se a saúde física do menino é boa, e normal o seu desenvolvimento psíquico”⁶². É-lhes assim atribuído o papel de coadjuvantes dos

⁵⁶ José Francisco Rodrigues, “Conheça os seus filhos!”, *Os Nossos Filhos* 2, no. 33 (1945): 9.

⁵⁷ Cf. M. Carolina, “O seu filho é inteligente?”, *Os Nossos Filhos* 3, no. 58 (1947): 7; “O desenvolvimento psíquico do bebé”, *Os Nossos Filhos* 5, no. 106 (1951), 5.

⁵⁸ M. Carolina, “O seu filho é inteligente?”, *Os Nossos Filhos* 3, no. 58 (1947).

⁵⁹ M. Carolina, “O seu filho é inteligente?”, *Os Nossos Filhos* 3, no. 58 (1947)

⁶⁰ José Francisco Rodrigues, “Conheça os seus filhos!”, *Os Nossos Filhos* 2, no. 33 (1945): 9.

⁶¹ M. Carolina, “O seu filho é inteligente?”, *Os Nossos Filhos* 3, no. 58 (1947).

⁶² “O desenvolvimento psíquico do bebé”, *Os Nossos Filhos* 5, no. 106 (1951), 5.

peritos, de *quasi* psicólogas, sendo evidente, tal como foi observado noutros estudos,⁶³ o seu tratamento, por aqueles que escrevem nas revistas analisadas, como *profissionais da infância*.

A par com a divulgação dos conhecimentos de psicologia infantil e das técnicas que as mães poderiam empregar para conhecer o seu filho, que permitiriam, como escreve a pedagoga Irene Lisboa, “conhecê-la [à criança] à luz de critérios psicológicos e não só afectivos, isto é, de puro tacto e ocasional inteligência”,⁶⁴ surgem, nas páginas das revistas, descrições dos métodos e das práticas pedagógicas adequados à educação das crianças em idade pré-escolar. A *boa mãe* seria assim não só aquela que procurava adquirir conhecimentos sobre psicologia infantil, mas também a que seguia os “processos de educação mais férteis”⁶⁵, adequados ao nível de desenvolvimento e à personalidade da criança, ou seja, aqueles descritos nas páginas das revistas.

Como obter êxito na educação das crianças

Constituindo-se como ponto de acesso ao conhecimento científico sobre a criança e a sua educação, os editores e os colaboradores das revistas procuravam difundir os métodos pedagógicos próprios para a educação das crianças mais pequenas, aqueles que tinham na sua origem o conhecimento *psi*, designadamente, no que diz respeito ao desenvolvimento intelectual da criança, aqueles empregues nas instituições de Educação de Infância, praticamente inexistentes, à época, no nosso país, como refere o pedagogo António Correia: “Infelizmente nós não temos no nosso país, casas, parques e jardins infantis que se aproximem, sequer de longe, daquilo que é necessário. Para a educação pré-escolar, além de algumas secções de certos colégios, apenas podemos com os Jardins-Escolas que, como é natural, depressa preenchem as suas lotações”.⁶⁶

No que diz respeito às estratégias e práticas educativas a utilizar na educação da criança mais pequena é claramente visível a influência da Educação Nova, encontrando-se referência a pedagogos como Ferrière⁶⁷,

⁶³ Cf. Rima Apple, *Perfect motherhood: Science and childrearing in America* (New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2006), Julia Grant, *Raising baby by the book: The education of American mothers* (New Haven: Yale University Press, 1998); Ann Hulbert, *Raising America: Experts, parents and a century of advice about children* (New York: Vintage Books, 2003)

⁶⁴ Irene Lisboa, “A psicologia do desenho infantil”, *Os Nossos Filhos* 6, no. 130 (1953): 1.

⁶⁵ Maria S. Anjos, “Formação do carácter”, *Os Nossos Filhos* 3, no. 59 (1947): 7.

⁶⁶ António Correia, “Por que não criamos Parques Infantis?”, *Saúde e Lar* 26, (1946): 8-9.

⁶⁷ Cf. “Alguns erros na educação dos filhos”, *Saúde e Lar* 51, (1951):16-18, Roger Gal, “Educação tradicional e educação moderna”, *Os Nossos Filhos* 3, no. 57 (1947): 7.

Claparède⁶⁸ ou Montessori⁶⁹. Porém, entre todos os métodos referidos nas páginas das revistas, parece ser consensual que o método Montessori, baseado “na natureza do indivíduo e nas suas necessidades psicológicas”,⁷⁰ seria o mais adequado para a educação das crianças desta faixa etária. A observação como ponto de partida para a ação educativa, o respeito pela atividade espontânea da criança e pela sua personalidade, a organização de um espaço próprio para a criança – “as crianças precisam de ter um lugar em casa onde possam correr, brincar, sem perturbarem os adultos”⁷¹ -, arranjado “de forma a auxiliar a sua educação”,⁷² assim como a transformação da mãe num “mestre invisível”,⁷³ são elementos do modelo montessoriano que perpassam os textos analisados, resumidos no excerto que a seguir transcrevermos, da autoria da professora Virgínia Jardim Gomes, colaboradora regular da revista *Os Nossos Filhos*:

Porque se por um lado temos de dar toda a liberdade à criança, para que ela revele as suas tendências e os seus interesses, perante os quais a atitude do educador tem de ser passiva, por outro, preparar o ambiente próprio a esse desenvolvimento, favorecê-lo, estimulá-lo, aproveitar os períodos sensíveis, observando em que sentido se exercem, para dum modo discreto agir com a energia necessária, é a difícil tarefa para qual a preparação e as condições inatas são chamadas a intervir.⁷⁴

Assente no princípio de autoeducação, o modelo montessoriano pressupunha a existência na criança, como a própria Montessori afirmava, de uma “energia potencial para construir um mundo psíquico à custa do ambiente”⁷⁵ e que se revelava na atividade infantil e, mais concretamente, na atividade lúdica:

Depois de saberem andar e falar, só se conservam quietas e caladas durante tempo apreciável as crianças doentes; e reconhecendo esta verdade, a nossa intervenção nas actividades infantis deve ser muito limitada, apenas a necessária para evitar os danos que as pessoas, os objectos e principalmente elas próprias venham a sofrer de movimentos ainda mal regrados e trazendo consequências que as próprias crianças ignoram.

Mas é bom ter sempre em vista que essa constante agitação é útil, além de ser sinal de boa saúde. Com ela se faz a educação dos movimentos, a aquisição e aperfeiçoamento da linguagem e até o desenvolvimento mental. É

⁶⁸ Cf. Ferreira de Mira, “Educar e instruir”, *Os Nossos Filhos* 2, no. 36 (1945): 6-7, José Francisco Rodrigues, “Conheça os seus filhos”, *Os Nossos Filhos* 2, no. 38 (1945): 7.

⁶⁹ António Correia, “Por que não criamos Parques Infantis?”, *Saúde e Lar* 26, (1946): 8-9.

⁷⁰ Virgínia Jardim Gomes, “Breves considerações sobre a segunda infância”, *Os Nossos Filhos* 2, no. 45 (1946): 8.

⁷¹ Maria Palmira Tito de Morais, “As ‘birras’”, *Os Nossos Filhos* 3, no. 53 (1946): 8.

⁷² R. Maria, “O quarto de brinquedos dos meus filhos”, *Os Nossos Filhos* 3, no. 49 (1946): 23.

⁷³ Irene Lisboa, “A primeira educação. Casas de Crianças: Montessori, ainda”, *Os Nossos Filhos* 6, no. 143 (1954): 6-7.

⁷⁴ Virgínia Jardim Gomes, “Breves considerações sobre a segunda infância”, *Os Nossos Filhos* 2, no. 45 (1946): 8.

⁷⁵ Maria Montessori, *A criança* (Lisboa: Portugal, 1952).

sem dúvida fútil, encarada por quem atingiu a idade adulta; mas é própria da mentalidade infantil, e vai-se modificando e complicando na medida em que esta evoluciona. Aquelas infantilidades e ingenuidades da actividade das crianças constituem para elas trabalhos sérios, tão sérios como para nós a construção de pontes sobre rios ou o estudo das matemáticas. Bem se sabe: são construções de areia, bonecas de trapo, correrias sem motivo explicável para nós, adultos. Mas correspondem a impulsos momentâneos e têm, como resultado adestrar e desenvolver as possibilidades físicas da criança e dar-lhe conhecimento progressivo do mundo exterior.⁷⁶

O papel da mãe consistiria em aproveitar os impulsos, as “naturais tendências”⁷⁷ da criança para orientar o seu processo educativo. Designadamente deveria saber aproveitar as tendências para “o jogo, a imitação e o interesse”⁷⁸ para proceder à educação intelectual e moral da criança, ou seja, “dirigir as suas impressões, os seus sentidos, educar as suas tendências, regular as suas funções, formar o seu espírito”⁷⁹.

Seguindo a máxima de Montessori, defendida por outros pedagogos do movimento da Educação Nova, como Decroly ou Claparède, de que “Nada está na inteligência que não tenha estado nos sentidos”⁸⁰ considerava-se que a educação sensorial seria a educação apropriada para as crianças em idade pré-escolar. Assim, esta fase da vida seria dedicada ao “despertar intelectual”⁸¹, ao “desenvolvimento de várias funções: interesses, atenções, memórias, linguagem”;⁸² com a finalidade preparar a criança para o processo de aprendizagem que se iniciaria quando entrasse na escola primária:

O desenvolvimento da inteligência deve ser acompanhado de uma educação apropriada que, exercida nos primeiros anos, prepara a criança para o esforço intelectual que lhe é pedido ao entrar na escola.

Chama-se a este ensino que antecede o período escolar, a educação sensorial, justamente porque vai ser através dos órgãos dos sentidos que se vai proceder ao desenvolvimento, ou correcção das faculdades intelectuais.⁸³

A ênfase na importância da educação sensorial e a explicitação das actividades que as mães poderiam realizar com as crianças é acompanhada pela condenação de qualquer tentativa de ensino de carácter mais

⁷⁶ Ferreira de Mira, “A actividade infantil”, *Os Nossos Filhos* 3, no. 52 (1946): 6.

⁷⁷ Maria Luísa Tôrres Pires, “Mãezinha! Esqueça as preocupações e faça felizes os seus filhos!”, *Os Nossos Filhos* 7, no. 164 (1956): 4.

⁷⁸ O. J. M. Mendes, “Factores de desenvolvimento mental”, *Os Nossos Filhos* 5, no. 101 (1950): 5.

⁷⁹ J. de F. Vasconcelos, “A família e a educação”, *Os Nossos Filhos* 2, no. 47 (1946): 7.

⁸⁰ Virgínia Jardim Gomes, “Breves considerações sobre a segunda infância”, *Os Nossos Filhos* 2, no. 45 (1946): 8.

⁸¹ Maria Luísa Tôrres Pires, “Mãezinha! Esqueça as preocupações e faça felizes os seus filhos!”, *Os Nossos Filhos* 7, no. 164 (1956): 4.

⁸² José Francisco Rodrigues, “Conheça os seus filhos!”, *Os Nossos Filhos* 2, no. 33 (1945): 9.

⁸³ Maria de Lourdes Bettencourt, “Inteligência infantil”, *Os Nossos Filhos* 8, no. 171 (1956): 10-11.

formal, pela *patologização da precocidade*⁸⁴, como é claramente explicitado no excerto que, a título de exemplo, se transcreve:

Muitas vezes uma criança na idade pré-escolar demonstra grande vontade de aprender; mas lições regulares na sua idade podem dificultar as coisas, e não as facilitar, quando chega a altura de entrar para a escola.

Os professores têm seus métodos para distribuir conhecimentos e Pedro pode sentir-se confuso e tonto devido ao seu «treino» prévio, que provavelmente foi feito de maneira diferente da do professor. É melhor deixá-lo começar a estudar juntamente com as outras crianças.

Pode ficar tranquila, pois se a inteligência dele é excepcional, desenvolver-se-á à sua maneira. Excitá-la demasiado em idade tão tenra pode causar-lhe tensão mental excessiva e conflitos, tomando, muitas vezes, a forma de pesadelos, «nervosismo» e uma personalidade difícil.⁸⁵

Assim, ao seu papel de *quasi* psicólogas as mães juntariam a função de *quasi* pedagogas, transformando os seus lares em Jardins de Infância e assumindo, conseqüentemente, o papel de educadoras de infância.

Não menos importante do que assegurar o normal desenvolvimento cognitivo da criança e de que esta se encontrava preparada, no momento próprio, para a entrada na escola primária era garantir o equilíbrio emocional da criança e a conseqüente formação de uma personalidade *normal*. Neste sentido, os aspetos relacionados com desenvolvimento socio emocional também deveriam merecer, por parte das mães, especial atenção.

Tal como anteriormente referido, os primeiros anos de vida da criança eram considerados determinantes para a sua vida adulta, não só porque corresponderiam a um período formativo, mas também porque, como se escreve na apresentação do Congresso Mundial da Infância, realizado em Bruxelas, em 1958, nestas idades ainda se podiam “corrigir algumas anomalias”⁸⁶.

⁸⁴ Roblyn Rawlins, “Raising ‘precocious children: From nineteenth-century pathology to twentieth-century potential”, em *When science encounters the child: Education, parenting and child welfare in the 20th century America*, ed. Barbara Beatty, Emily D. Cahan e Julia Grant (New York, Teachers College Press, 2006), 77-95.

⁸⁵ Ruth Martin, “Dirija inteligentemente o seu filho prodígio”, *Os Nossos Filhos* 7, no. 157 (1956): 11.

⁸⁶ “Bélgica: Congresso Mundial da Infância”, *Os Nossos Filhos* 8, no. 189 (1958, fevereiro): 4.

Diferentes na forma, abrangendo desde a enurese⁸⁷ à timidez excessiva⁸⁸, as alterações no comportamento eram apresentadas como sendo consequência de uma conduta incorreta das mães em relação à criança, atribuída, na maioria dos casos, à sua ignorância:

A criança vai crescendo e formando a sua personalidade em harmonia com a maneira como é tratada. É vulgar os pais e as mães, à medida que vão surgindo as dificuldades no comportamento da criança, procurarem defender-se pela índole, pelo feitio com que o pequeno nasceu: «o meu filho é assim», «não quer isto», «não há maneira de o habituar...» Contudo, esta atitude tão vulgar, só se pode desculpar pela ignorância de quem a toma. Se os pais tivessem procurado informar-se pelo estudo (e bem pouco trabalho seria necessário para atingir esses conhecimentos rudimentares), logo saberiam que o carácter; a personalidade, o modo de actuar dos seus filhos, resulta quase exclusivamente da influência do ambiente que o cerca. Saberiam logo que o factor hereditário, apesar de exercer grande influência, pode, na maioria dos casos, ser amoldado e modificado pela acção do meio em que a criança vive.⁸⁹

O que estava em jogo, no que diz respeito a este aspeto do desenvolvimento infantil, era, como está patente no excerto acima transcrito, a construção da personalidade da criança. Neste domínio, destacam-se sobretudo os erros educativos cometidos no processo de disciplinarização das crianças, bem como a “ambiência familiar”.⁹⁰

No que diz respeito à disciplinarização da criança, este processo teria como finalidade o desenvolvimento da autodisciplina, a autonomia moral de que falam os pedagogos da Educação Nova. Assim, se no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo, o papel das mães seria deixar que a criança procedesse à sua autoeducação, dado o carácter inato da inteligência, no que diz respeito ao desenvolvimento da personalidade, passa-se o oposto. As mães deveriam proceder a uma “constante, contínua modelação da personalidade”,⁹¹ exercendo a sua autoridade de uma forma consistente e consentânea com a personalidade da criança – “Não

⁸⁷ Cf. Maria da Graça da Fonseca Duarte, “Enurese”, *Os Nossos Filhos* 8, no. 175 (1956): 6-7; Vítor Fontes, “Enurese infantil”, *Os Nossos Filhos* 4, no. 85 (1949): 12.

⁸⁸ Cf. Maurice Tièche, “Pais!... Não se desgostem se o seu filho é canhoto”, *Saúde e Lar* 104, (1956): 10-11; Virgínia de Castro e Almeida, “Quando a criança não ri”, *Os Nossos Filhos* 3, no. 57 (1947): 6

⁸⁹ António Correia “Como criar filhos normais?: Que fazer para lhes dar boa saúde? Como evitar desastres? Quais os bons divertimentos? Devemos empregar a pancada?”, *Saúde e Lar* 17, (1945): 6-7.

⁹⁰ S. Silva, “A ambiência familiar”, *Os Nossos Filhos* 2, no. 35 (1945): 6.

⁹¹ Maria Palmira Tito de Morais, “As ‘birras’”, *Os Nossos Filhos* 3, no. 53 (1946): 8.

podemos falar em disciplina sem falar na criança. Só conhecendo-a, estudando as suas formas de reacção, as características de personalidade, se pode pensar em lhe aplicar a disciplina conveniente”.⁹²

O facto de se considerar que a mãe deveria ter em conta, na sua ação educativa, a criança concreta não impedia que se estabelecessem algumas leis gerais, sendo que a principal, no que dizia respeito à disciplinarização da criança, residiria no exercício firme da autoridade, sem excesso de mimo, mas também sem autoritarismo, como se explicita no excerto que a seguir se transcreve:

Na formação da personalidade, o procedimento ideal dos pais deve estar sempre, no meio termo – nem mimos exagerados, nem maus tratos; não condescender demasiado, nem reprimir em excesso. O equilíbrio é o caminho a seguir, para habituar a criança a cumprir, normalmente, as suas obrigações e a colocar-se, pouco a pouco, no seu verdadeiro lugar na família e na sociedade.⁹³

Se o excesso de mimo resultaria na construção de personalidades fracas – “O excesso de mimo é sempre prejudicial. São numerosos os exemplos de filhos amimados que nada conseguiram na vida. Fazendo todas as vontades e atendendo a todos os caprichos das crianças, os pais criam personalidades fracas, incapazes de enfrentar com decisão a luta pela vida”⁹⁴ – o autoritarismo, por sua vez, teria como consequência a formação de personalidades submissas:

É tão perigoso cercar uma criança de atenções e louvores demasiados, como envolvê-la numa atmosfera de ralhos e recriminações. Neste caso cria-se-lhe uma situação de inferioridade, a que ela poderá reagir dando uma pessoa de valor mas desconfiada do mundo, em luta com o mundo, ou então, o que é mais frequente, uma criatura que se julga ela própria inferior, e por isso o é, tímida, submissa, incapaz de assumir na sociedade as responsabilidades que lhe competem.⁹⁵

A *ambiência familiar*⁹⁶ é outro fator que, como anteriormente referido, é alvo de especial atenção, assumindo particular relevância o tema dos conflitos familiares, designadamente entre os pais, considerados uma ameaça ao normal desenvolvimento da criança:

Se a insegurança de muitos adultos de hoje é o resultado de conflitos familiares presenciados nas primeiras idades, importa esclarecer os jovens casais do perigo que correm os seus filhos quando eles, entregues ao calor de

⁹² Maria de Lourdes Bettencourt, “Disciplina infantil”, *Os Nossos Filhos* 8, no. 173 (1956): 11.

⁹³ “... e Lar”, *Saúde e Lar* 38, (1948): 21.

⁹⁴ “As crianças e o mimo”, *Saúde e Lar* 53, (1951): 21.

⁹⁵ Ferreira de Mira, “A actividade infantil”, *Os Nossos Filhos* 3, no. 52 (1946): 6.

⁹⁶ S. Silva, “A ambiência familiar”, *Os Nossos Filhos* 2, no. 35 (1945): 6.

discussões desenfreadas, se empenham em humilhar-se mutuamente, em assacar-se defeitos que, real ou aparentemente, põem em perigo a estabilidade familiar.

O menino que vive apoiado no amor e união de seus pais não pode ser feliz ante as suas desavenças e sofrerá as consequências inerentes que, por toda a sua vida, se irão reflectir no seu comportamento. Psicologicamente a sua atitude é comparável à de quem, viajando por Mar, vê o barco em que segue prestes a afundar-se: estabelece-se o pânico que põe, sem dúvida, em estado de alarme, todo o mecanismo psíquico.⁹⁷

Relacionado com os conflitos familiares, surge o tema da separação dos pais - “as discórdias domésticas, os maus exemplos dos pais e, principalmente, o esfacelamento do lar, como consequência do divórcio, acarretam igualmente os maiores perigos para a educação da prole”⁹⁸ – ou, no caso de viuvez, da existência de um novo casamento – “Pela prática que temos do estudo do ambiente familiar para o esclarecimento da psicologia dos nossos assistidos, supomos que as situações mais trágicas da infância se encontram na existência de madrasta ou padrasto no agregado familiar”⁹⁹.

Nestes discursos, onde é visível a influência da nova psicologia que emerge no período pós II Guerra¹⁰⁰, de inspiração psicanalítica, de que Anna Freud, Susan Isaacs ou John Bowlby são alguns dos mais conhecidos representantes, estava implícita uma visão tradicional da estrutura familiar, considerada, no pensamento psicopedagógico da época, essencial para o bom desenvolvimento socio emocional. A imagem de “bom educador” ou de “boa mãe” era, assim, acompanhada pela difusão da imagem da “boa família”, aquela composta pelo pai e pela mãe, em que se vivia numa atmosfera de paz, mesmo que criada artificialmente, e se respeitava a personalidade da criança, assegurando-se, assim, a sua felicidade presente e futura.

Considerações finais

Este trabalho teve como principal objetivo contribuir para a compreensão do discurso psicopedagógico que circulou em Portugal, nos anos 40 e 50 do século XX, através da análise de artigos sobre o desenvolvimento e a educação da criança em idade pré-escolar publicados em duas revistas de *educação familiar: Os Nossos Filhos* e *Saúde e Lar*.

A análise dos artigos publicados nas revistas revelou a existência de uma preocupação genuína com a forma como as crianças eram educadas. Num período em que se assiste à modernização da sociedade portuguesa,

⁹⁷ Carmélia Vicente, “Os conflitos familiares lançam o pânico e a insegurança na alma das crianças sensíveis”, *Os Nossos Filhos* 8, no. 191 (1958): 19.

⁹⁸ “Uma conferência no Porto, sobre a acção moral e educativa no seio da família”, *Os Nossos Filhos* 2, no. 33 (1945): 14-15.

⁹⁹ Vítor Fontes, “A tragédia da infância”, *Os Nossos Filhos* 7, no. 160 (1955): 6-7.

¹⁰⁰ Nikolas Rose, *Governing the soul: The shaping of the private self* (London: Free Association Books, 1999).

em que se procurava modificar práticas de agir habituais por comportamentos que tinham na origem o conhecimento científico acerca da criança e da sua educação, os editores e os colaboradores de *Os Nossos Filhos* e *Saúde e Lar* – médicos, pedagogos, professores, peritos psi – procuravam integrar as mães nesta nova racionalidade, através da difusão das estratégias e das práticas pedagógicas consentâneas com o que se entendia ser uma educação racional das crianças, ou seja, da *educação benigna*¹⁰¹ das mães. Trata-se de uma construir mães conscientes e responsáveis que, em nome do bem-estar da criança, modificassem, por sua própria vontade, o seu comportamento, através de um processo de auto-educação, tornando-se naquilo que podemos designar de *mães modernas*, objetivo final, como referem vários autores, da educação para a maternidade¹⁰².

Consideradas, neste período, como as principais responsáveis pela educação das crianças em idade pré-escolar, de acordo com a ética familiar dominante, as mães são tratadas, pelos colaboradores das revistas, como “profissionais da infância”, *quasi* psicólogas e *quasi* pedagogas, estando-se assim perante o que vários autores descreveram como a *profissionalização da maternidade*,¹⁰³ ainda evidente na atualidade.¹⁰⁴ A boa mãe seria aquela que conheceria as diferentes etapas do desenvolvimento infantil, nas suas diferentes dimensões (psicomotor, cognitivo e socio emocional), que seria capaz de avaliar se o desenvolvimento da criança se estaria a processar de acordo com o que seria expectável, que utilizaria na educação dos seus filhos os métodos importados de contextos educativos formais, designadamente das instituições de Educação de Infância. Está-se assim perante a divulgação, junto das mães, de um discurso psicopedagógico sobre a criança, que tem subjacentes as estratégias e os princípios educativos oriundos do movimento da Educação Nova, mas também

¹⁰¹ Nikolas Rose, *Powers of freedom: Reframing political thought* (Cambridge: Cambridge University Press, 1999).

¹⁰² Rima Apple, *Perfect motherhood: Science and childrearing in America* (New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2006); Kate Errington, “You and your baby (home, husband and doctor): Maternal responsibility in the British Medical Association booklet (1957-1987)”, *Medical Humanities* 50 (2024): 292-305; Julia Grant, *Raising baby by the book: The education of American mothers* (New Haven: Yale University Press, 1998); Ann Hulbert, *Raising America: Experts, parents and a century of advice about children* (New York: Vintage Books, 2003)

¹⁰³ Cf. Rima Apple, *Perfect motherhood: Science and childrearing in America* (New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2006); Julia Grant, *Raising baby by the book: The education of American mothers* (New Haven: Yale University Press, 1998); Ann Hulbert, *Raising America: Experts, parents and a century of advice about children* (New York: Vintage Books, 2003); Yvonne Knibiehler, *Histoire des mères et de la maternité en Occident* (Paris: PUF, 2000)

¹⁰⁴ Peter Skagius, “‘Don’t worry’: Figurations of the child in a Swedish parenting advice column”, *History of Psychology* 23, no. 2 (2020): 154-175.

do que Rose designa de *nova psicologia*¹⁰⁵, que surge no período pós II Guerra Mundial. Se a influência do ideário educativo do movimento da Educação Nova é visível nos discursos em que se enfatiza a necessidade de conhecer a criança para melhor a educar ou na importação para a educação doméstica do modelo montessoriano, o discurso oriundo da *nova psicologia* surge, sobretudo, nos aspetos relacionados com o desenvolvimento socioemocional da criança. Note-se, em relação a este último aspeto, a emergência de um discurso centrado não só na regulação do comportamento maternal, mas também das relações familiares, nas suas diferentes dimensões (relação pais-criança e relação conjugal).¹⁰⁶

A descrição das características e dos comportamentos da *boa mãe*, aqueles que asseguravam a construção de uma *criança normal*, acompanhada, muitas vezes, pela enumeração das consequências nefastas dos *erros educativos*, pode ser entendida como uma estratégia persuasiva, uma governação de imagens¹⁰⁷, própria de um período de modernidade organizada, uma vez se trata de uma estratégia não coerciva. Ou seja, atuava-se sobre as ansiedades das mães que, conscientes do efeito do seu comportamento no bem-estar presente e futuro dos seus filhos, procurariam modificar o seu comportamento.

Esta estratégia parece ter tido algum resultado, designadamente junto das leitoras, que escreviam para as revistas solicitando informação sobre a melhor forma de educar os seus filhos. Tal constitui uma evidência da sua adesão ao processo de *educação benigna*¹⁰⁸ proposto pelos peritos, assim como de uma tentativa de corresponder à imagem de *boa mãe* difundida nas revistas analisadas, fenómeno já referido por outros autores.¹⁰⁹ Claro que, tendo apenas como objeto de análise os discursos, quer aqueles produzidos pelos peritos, quer aqueles produzidos pelas mães, não podemos saber se as mães seguiam de facto as regras postulados pelos peritos, ou se seguiam, no caso particular das cartas, os conselhos que lhes eram dados;

¹⁰⁵ Maria Belo, Ana Paula Alão e Iolanda Neves Cabral, "O Estado Novo e as mulheres", em *O Estado Novo: Das origens ao fim da autarcia, 1926-1959 (Vol. 2)*, editado por João Freire, António H. de Oliveira Marques e Stephen R. Stoer, 263-279. Lisboa: Fragmentos, 1987.

¹⁰⁶ Kate Errington, "You and your baby (home, husband and doctor): Maternal responsibility in the British Medical Association booklet (1957-1987)", *Medical Humanities* 50 (2024): 292-305

¹⁰⁷ Jacques Donzelot, *A polícia das famílias* (Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986).

¹⁰⁸ Nikolas Rose, *Powers of freedom: Reframing political thought* (Cambridge: Cambridge University Press, 1999).

¹⁰⁹ Cf. Maria Cucchiara e Amy C. Steinbugler, "'The books make you feel bad': Expert advice and maternal anxiety in the early 21st century", *Sociological Forum* 36, no. 4 (2021): 939-961; Sharon Hays, *The cultural contradictions of motherhood* (New Haven: Yale University Press, 1996); Sébastien Roux e Anne-Sophie Vozari, "Parents at their best: The ethopolitics of family bonding in France", *Ethnography* 18, no. 1 (2017): 3-24.

pensamos, contudo, que a procura de informação constitui um indício da adesão das leitoras das revistas à ideologia de maternidade científica¹¹⁰ que se procurava difundir.

Gostaríamos ainda de realçar que, na época em análise, este é um discurso que só tem eco numa minoria das mulheres portuguesas. As leitoras destas revistas eram mulheres letradas, muitas delas com condições de vida que lhes permitiriam pôr em prática os conselhos ditados pelos peritos. Para a maioria das mães portuguesas, analfabetas, sujeitas a duras condições de vida, este tipo de preocupações nem sequer se colocava.

Referências bibliográficas:

- “Alguns erros na educação dos filhos.” *Saúde e Lar* 51 (1951):16-18.
- Almeida, Virgínia de Castro e. “Quando a criança não ri.” *Os Nossos Filhos* 3, no. 57 (1947): 6.
- Anjos, Juarez José. “História da educação da criança pela família no século 19: Fontes para uma escrita.” *História da Educação* 19, no. 45 (2015): 67-83.
- Anjos, Maria S. “Formação do carácter.” *Os Nossos Filhos* 3, no. 59 (1947): 7.
- Apple, Rima. *Perfect motherhood: Science and childrearing in America*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2006.
- “As crianças e o mimo.” *Saúde e Lar* 53, (1951): 21.
- Azrak, Adrián. “El discurso psicológico en el campo educativo: una revisión crítica de su configuración histórica y su devenir actual.” *Foro de Educación* 18, no. 2 (2020): 49-170.
- Bakker, Nelleke. “Before Ritalin: Children and neurasthenia in the Netherlands.”, *Paedagogica Historica* 46, no. 3 (2010): 383-401.
- Beatty, Barbara, Emily D. Cahan, e Julia Grant, coord. *When science encounters the child: Education, parenting and child welfare in the 20th century America*. New York, Teachers College Press, 2006.
- “Bélgica: Congresso Mundial da Infância.” *Os Nossos Filhos* 8, no. 189 (1958, fevereiro): 4.
- Belo, Maria, Ana Paula Alão, e Iolanda Neves Cabral,. “O Estado Novo e as mulheres.” Em *O Estado Novo: Das origens ao fim da autarcia, 1926-1959 (Vol. 2)*, editado por João Freire, António H. de Oliveira Marques e Stephen R. Stoer. Lisboa: Fragmentos, 1987, 263-279
- Bettencourt, Maria de Lourdes. “Disciplina infantil.” *Os Nossos Filhos* 8, no. 173 (1956): 11.

¹¹⁰ Rima Apple, *Perfect motherhood: Science and childrearing in America* (New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2006).

- Bettencourt, Maria de Lourdes. "Inteligência infantil." *Os Nossos Filhos* 8, no. 171 (1956): 10-11.
- Bloch, Marianne N. "Governing teachers, parents, and children through child development knowledge." *Human Development* 43 (2000): 257-265.
- Boltanski, Luc. *Prime education et morale de classe*. Paris: EHESS, 1977.
- Branco, Maria Eugénia. *Vida, pensamento e obra de João dos Santos*. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.
- Burman, Erica. *Deconstructing developmental psychology*. London: Brunner-Routledge, 2008.
- Carolina, M. "O seu filho é inteligente?" *Os Nossos Filhos* 3, no. 58 (1947): 7.
- "Consultório: Da alimentação e higiene infantil." *Os Nossos Filhos* 3, no. 58 (1947): 24.
- Correia, António. "Como criar filhos normais?: Que fazer para lhes dar boa saúde? Como evitar desastres? Quais os bons divertimentos? Devemos empregar a pancada?" *Saúde e Lar* 17, (1945): 6-7.
- Correia, António. "O meu filho é endiabrado." *Saúde e Lar* 18, (1945): 6-7.
- Correia, António. "Por que não criamos Parques Infantis?" *Saúde e Lar* 26, (1946): 8-9.
- "Correio dos pais: Complexos infantis." *Os Nossos Filhos* 7, no. 155 (1955): 5-6.
- Cucchiara, Maria e Amy C. Steinbugler. "'The books make you feel bad': Expert advice and maternal anxiety in the early 21st century." *Sociological Forum* 36, no. 4 (2021): 939-61. <https://doi.org/10.1111/socf.12748>
- Davis, Teresa, Hogg, Margaret K., Marshall, David, Petersen, Alan, e Schneider, Tanja. "The knowing mother: Maternal knowledge and the reinforcement of the feminine consuming subject in magazine advertisements". *Journal of Consumer Culture* 22, no. 1 (2022): 40-60. <https://doi.org/10.1177/1469540519889990>
- Donzelot, Jacques. *A polícia das famílias*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.
- Duarte, Maria da Graça da Fonseca. "Enurese." *Os Nossos Filhos* 8, no. 175 (1956): 6-7.
- "... e Lar." *Saúde e Lar* 38, (1948): 21.
- Errington, Kate. "You and your baby (home, husband and doctor): Maternal responsibility in the British Medical Association booklet (1957-1987)". *Medical Humanities* 50 (2024): 292-305. <https://doi.org/10.1136/medhum-2023-012864>
- Ferreira, António Gomes. "A criança e o seu desenvolvimento em discursos médicos e pedagógicos que circularam no contexto português (séculos XVIII a XX)." *Educação em Revista* 26, no. 1 (2010): 215-333.
- Ferreira, Maria Manuela. *Salvar os corpos, forjar a razão: Contributo para uma análise crítica da criança e da infância como construção social, 1880-1940*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2000.

- Fontes, Vítor. "A tragédia da infância", *Os Nossos Filhos* 7, no. 160 (1955): 6-7.
- Fontes, Vítor. "Enurese infantil." *Os Nossos Filhos* 4, no. 85 (1949): 12.
- Fontes, Vítor. "Higiene Mental Infantil." *Os Nossos Filhos* 5, no. 121 (1952): 4-5.
- Foucault, Michel. *É preciso defender a sociedade*. Lisboa: Livros do Brasil, 2006.
- Gal, Roger. "Educação tradicional e educação moderna", *Os Nossos Filhos* 3, no. 57 (1947): 7.
- Giddens, Anthony. *As consequências da modernidade*. Oeiras: Celta, 2005.
- Gomes, Virgínia Jardim. "Breves considerações sobre a segunda infância." *Os Nossos Filhos* 2, no. 45 (1946): 8.
- Grant, Julia. *Raising baby by the book: The education of American mothers*. New Haven: Yale University Press, 1998.
- Hays, Sharon. *The cultural contradictions of motherhood*. New Haven: Yale University Press, 1996.
- Hollway, Wendy. "Family figures in 20th-century British 'psy' discourses." *Theory & Psychology* 16, no. 4 (2006): 443-464.
- Hulbert, Ann. *Raising America: Experts, parents and a century of advice about children*. New York: Vintage Books, 2003.
- Knibiehler, Yvonne. *Histoire des mères et de la maternité en Occident*. Paris: PUF, 2000.
- Luís. "A missão do educador." *Os Nossos Filhos* 2, no. 40 (1945): 8.
- Lisboa, Irene. "A primeira educação. Casas de Crianças: Montessori, ainda", *Os Nossos Filhos* 6, no. 143 (1954): 6-7.
- Lisboa, Irene. "A psicologia do desenho infantil." *Os Nossos Filhos* 6, no. 130 (1953): 1.
- Manso, Maria Luísa. "A educação musical da criança." *Os Nossos Filhos* 3, no. 51 (1946): 16.
- Maria, R. "O quarto de brinquedos dos meus filhos." *Os Nossos Filhos* 3, no. 49 (1946): 23.
- Martin, Ruth. "Dirija inteligentemente o seu filho prodígio." *Os Nossos Filhos* 7, no. 157 (1956): 11.
- Mendes, O. J. M. "Factores de desenvolvimento mental." *Os Nossos Filhos* 5, no. 101 (1950): 5.
- Mira, Ferreira de. "Educar e instruir." *Os Nossos Filhos* 2, 36 (1945): 6-7.
- Montessori, Maria. *A criança*. Lisboa: Portugália, 1952.
- Morais, Maria Palmira Tito de. "As 'birras'." *Os Nossos Filhos* 3, no. 53 (1946): 8.

- Nóvoa, António, coord. *Imprensa de educação e ensino, repertório analítico (séculos XIX-XX)*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional. 1993
- Ó, Jorge Ramos do. "A 'criança problema' e o seu governo em Portugal e no Brasil (1880-1960): Discursos e práticas." Em *Emergência e circulação do conhecimento psicopedagógico moderno (1880-1960): Estudos comparados Portugal-Brasil*, editado por Jorge Ramos do Ó e Luís Miguel Carvalho, 15-154. Lisboa: Educa, 2009.
- "O desenvolvimento psíquico do bebé." *Os Nossos Filhos* 5, no. 106 (1951), 5.
- "Os teus problemas, Mãezinha!" *Os Nossos Filhos* 6, no. 138 (1953): 7.
- "Os vossos problemas: Correio dos pais." *Os Nossos Filhos* 8, no. 177 (1957), 3.
- "Os vossos problemas: Correio dos pais", *Os Nossos Filhos* 8, no.180 (1957): 3.
- Peskowitz, Miriam. *The truth behind the mommy wars: Who decides what makes a good mother?* New York: Seal Press, 2005.
- Petersen, Sabine. "A fase "edípica" nas crianças será inevitável?" *Os Nossos Filhos* 4, no. 83 (1949): 4.
- Pires, Maria Luísa Tôres. "Mãezinha! Esqueça as preocupações e faça felizes os seus filhos!" *Os Nossos Filhos* 7, no. 164 (1956): 4.
- "Quem tem meninos pequenos." *Os Nossos Filhos* 3, no. 54 (1946): 10.
- Rawlins, Roblyn. "Raising 'precocious children: From nineteenth-century pathology to twentieth-century potential". Em *When science encounters the child: Education, parenting and child welfare in the 20th century America*, editado por Barbara Beatty, Emily D. Cahan e Julia Grant. New York, Teachers College Press, 2006. 77-95
- Rodrigues, José Francisco. "Conheça os seus filhos!" *Os Nossos Filhos* 2, no. 33 (1945): 9.
- Rodrigues, José Francisco. "Conheça os seus filhos!" *Os Nossos Filhos* 2, no. 38 (1945): 7.
- Rose, Nikolas. *Governing the soul: The shaping of the private self*. London: Free Association Books, 1999.
- Rose, Nikolas. *Powers of freedom: Reframing political thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- Roux, Sébastien, e Anne-Sophie Vozari. "Parents at their best: The ethopolitics of family bonding in France." *Ethnography* 18, no. 1 (2017): 3-24.
- Ranjana Saha. "Motherhood on display: The child welfare exhibition in colonial Calcutta, 1920." *The Indian Economic and Social History Review* 58, no. 2 (2021): 249-277.
- Schreier, Margrit. *Qualitative content analysis in practice*. London: Sage, 2012.

- Silva, S. "A ambiência familiar." *Os Nossos Filhos* 2, no. 35 (1945): 6.
- Skagius, Peter. "Don't worry': Figurations of the child in a Swedish parenting advice column". *History of Psychology* 23, no. 2 (2020): 154-75
- "Tenho 3 filhos." *Os Nossos Filhos* 8, no.180 (1957): 3.
- Tièche, Maurice. "Pais!... Não se desgostem se o seu filho é canhoto." *Saúde e Lar* 104, (1956): 10-11.
- "Uma conferência no Porto, sobre a acção moral e educativa no seio da família." *Os Nossos Filhos* 2, no. 33 (1945): 14-15.
- Vasconcelos, J. de F. "A família e a educação." *Os Nossos Filhos* 2, no. 47 (1946), 7.
- Vicente, Carmélia. "Os conflitos familiares lançam o pânico e a insegurança na alma das crianças sensíveis." *Os Nossos Filhos* 8, no. 191 (1958): 19.
- Vidigal, Maria José, Maria Isabel Braga Queiroz, Maria Manuela Cruz, Maria Paula Grijó dos Santos, e Maria Teresa Guapo. *Memórias de utopias: Elementos para a história da saúde mental infantil em Portugal*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada, 1999.
- Vilhena, Carla, e António Gomes Ferreira. "Formar bem as mães para criar e educar boas crianças: As revistas portuguesas de educação familiar e a difusão da maternidade científica." *História da Educação* 18, no. 44 (2014): 99-127. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v46i1.68980>
- Vilhena, Carla, António Gomes Ferreira, e Luís Mota. "Para uma compreensão da lenta e inevitável evolução da Educação de Infância: Análise do discurso sobre a Educação de Infância no Estado Novo português (1933-1974)." *Acta Scientiarum* 46 (2024): e68980. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v46i1.68980>
- Wagner, Peter. *A sociology of modernity: Liberty and discipline*. London: Routledge, 1998.
- Warner, Judith. *Perfect madness: Motherhood in the age of anxiety*. New York: Riverhead Books, 2005.
- Williams, Sasha Emma. "Redrawing the line: An exploration of how lay people construct child neglect." *Child Abuse & Neglect* 68 (2017), 11-24.
- Young, Jacy L. "G. Stanley Hall, Child Study, and the American public." *The Journal of Genetic Psychology* 177, no. 6 (2016): 195-208. DOI: <https://doi.org/10.1080/00221325.2016.1240000>

Agradecimentos

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito dos Projetos UIDP/00460/2020, UIDB/05739/2020 e UIDB/05198/2020.